

CONFERÊNCIA «AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO»



Nota da Redacção: Não publicamos a intervenção da Dr. Teresa Estrela pelo facto da mesma constar noutra publicação. No entanto, no sentido de não prejudicarmos a "leitura do Congresso", entendemos ser essencial que constem deste livro as passagens mais significativas da intervenção em causa.

Resumo da Intervenção : Avaliação da Formação

Itens abordados na sessão:

- ❑ dificuldades inerentes à definição dos conceitos implicados na expressão "avaliação da qualidade da formação".
- ❑ análise de algumas práticas no domínio da avaliação da formação.
- ❑ possibilidade de construção de alternativas a essas práticas.

A definição de qualidade foi colocada como uma preocupação da actualidade:

O que é a qualidade?

Quem é que vai determinar o que é bom, o que é desejável, o que é excelente? Com que legitimidade? Com que critérios? A abordagem do tema qualidade da formação ou do ensino, remete para referenciais, portanto, isso significa que a qualidade é um constructo, e enquanto constructo vai depender naturalmente das condições da sua construção. Os critérios de avaliação da qualidade da formação decorrerão inevitavelmente da concepção que se tem da formação em causa ou das finalidades dessa formação.

Foi utilizada a tipologia Zeichner para enquadrar esta problemática:

- *modelo behaviorista considera que a formação é o momento de aprendizagem ou de aquisição das competências profissionais. O formando é o objecto da formação, tem muito pouca responsabilidade ou iniciativa na definição da sua própria formação. Neste caso, os critérios de avaliação de uma formação de qualidade estarão relacionados, por exemplo, com a aquisição das competências que são observáveis na situação de aula ou na situação de escola.*
- *numa perspectiva desenvolvimentista o formando não é objecto da formação, o formando só pode ser sujeito da sua própria formação. A formação é um momento de auto conhecimento em relação às realidades de ensino, isto é, o ensino e a formação irão consistir na aquisição de um adequado sistema de crenças. Dentro desta perspectiva será avaliado o processo em relação às oportunidades, às situações que são proporcionadas ao formando para se desenvolver.*

- *os modelos centrados na pesquisa, uma vez que as situações são instáveis, são mutáveis, propõem que o formando seja preparado para enfrentar a diversidade, desenvolvendo a sua capacidade reflexiva e investigativa. Aí os critérios de avaliação da qualidade da formação decorrerão das capacidades do formando questionar a formação que recebe, questionar os meios de ensino, questionar a sociedade envolvente, de questionar também as consequências morais e as consequências sociais do seu ensino.*

Estabeleceu a avaliação como mecanismo aferidor da qualidade da formação:

O que é avaliar?

As obras de investigação de avaliação disponíveis, confrontam duas comissões fundamentais de avaliação:

- *uma põe a ênfase na recolha da folha de informação (o avaliador terá apenas a função de fornecer os elementos necessários à tomada de decisão)*
- *outra põe a ênfase na avaliação (o avaliador terá que fazer juízos de valor, terá que ter em conta as lógicas dos jogos de poder que se manifestam no campo, terá que considerar os referenciais que permitem atribuir com significado esse juízo de valor)*

A avaliação levanta um conjunto de problemas de carácter político, de carácter ético e axiológico, de carácter epistemológico, de carácter científico e técnico.

- Quem é que pode e deve avaliar? Quem pode e deve definir os referenciais da avaliação? Quem pode e deve seleccionar os objectos da avaliação, aquilo que se vai avaliar? E com que fundamento?

- Se a formação obedece a finalidades e é orientada por valores é natural que a avaliação não esteja em contradição com os valores que são defendidos na formação, e as pessoas e as instituições têm direito ao seu bom nome, à sua privacidade, e, conseqüentemente, o processo da avaliação exige o equacionar de uma série de factores.

- Se a avaliação é um acto de pesquisa, se a avaliação pressupõe um controlo de uma situação de antes com uma situação de depois, então vamos cair nos esquemas da avaliação em geral, o que nos leva a verificar que há muitas semelhanças entre um estudo de avaliação e um estudo de pesquisa científica. E isso exige uma tomada de posição relativamente, por exemplo, à relação sujeito/objecto, ao papel do sujeito como objecto da formação.

- Se eu quero definir referenciais tenho que ir buscar formas conceptuais. Forma-se professores porque são profissionais, ora, ser profissional implica como referente os alunos, implica como referente a escola, implica como referente a sociedade. Mas referenciais a partir de quê? Naturalmente que é preciso ter conhecimentos, na medida do possível, alicerçados na investigação científica, mas não só, porque por trás de qualquer modelo de formação há valores que já não relevam o domínio científico mas que já são opções, opções conscientes que fazemos, que tomamos sobre os valores, sobre aquilo que é desejável, sobre a hierarquia desses valores, portanto, por trás desses referenciais haverá sempre uma filosofia de formação e de educação, haverá sempre um conhecimento científico, mais ou menos rigoroso, mais ou menos certo.

Relativamente ao referido:

Como é que se constróem os objecto que vão ser avaliados? Se a formação é um conceito tão complexo, se envolve tantas dimensões, não se pode, à partida, avaliar tudo, há que seleccionar os aspectos que vão ser avaliados. E como é que se seleccionam? É arbitrariamente, segundo os gostos, segundo as preocupações de quem avalia? Ou será após um exame sério daquilo que é pertinente, daquilo que é justo, que é adequado em relação à acção de formação que se vai realizar?

Como é que se assume essa multiplicidade de facetas, ou das facetas seleccionadas? Como é que se assumem as dimensões que, por vezes, são essencialmente qualitativas e que resistem à quantificação? Pode-se sempre recorrer a alguns modelos gerais que existem no campo da avaliação, como por exemplo, o modelo "SIPPE", que atenta à selecção dos referidos, às variáveis de contexto, às variáveis de "input", às variáveis de processo e às variáveis de produto. Uma outra proposta que nos fala em níveis da formação para a definição dos referidos vem da formação profissional, e que pode ser adaptada à formação dos professores. Haverá um nível inicial que é o nível das reacções, todos os formandos reagem ao formador, reagem aos processos, reagem aos meios utilizados, reagem ao ambiente de formação, portanto, quais as reacções do formando dentro do processo da formação? Mas que aprendizagens? Qual foi a mais valia trazida pela formação? O que é que a formação trouxe? O que é que o formando aprendeu? Mas se é importante aquilo que aprendeu será mais importante ainda aquilo que a pessoa vai levar para os seus contextos de trabalho e, portanto, um outro nível de análise seria o do trabalho das pessoas no seu meio natural de actividade. Como é que os professores que "sofrem" uma formação a vão transpor para o seu contexto de trabalho? Em que é que essa formação se vai manifestar nas competências, nos saberes, nas atitudes que ele vai ter em relação aos alunos, aos colegas, em relação à escola? Outro nível de análise será o da própria realização. Que mais valia é que o acréscimo de informação traz à escola? Contribui para aumentar a moral das pessoas? Contribui para a satisfação dos professores? Contribui para a melhoria das relações dentro da escola? E um último nível de análise que se refere principalmente aos aspectos materiais, aos benefícios da formação em relação aos custos. Qual é o saldo entre os custos e os benefícios?

Um outro aspecto donde resulta também a dificuldade em avaliar a formação prende-se com o facto da definição de critérios de qualidade, critério A, B, C e D, não bastar por si só, pois, a qualidade não é apenas um somatório de qualidades, podem-se cumprir os critérios de qualidade em relação à dimensão A B ou C sem que no seu conjunto se tenha obtido uma qualidade. E isto porquê? Porque qualquer acção de formação, como qualquer acção de educação ou de ensino, deve sempre ser vista numa perspectiva sistémica.

Uma abordagem ao que se faz entre nós em matéria de avaliação da Formação Contínua:

Dois aspectos que contribuíram muito para exercer um efeito de disfuncionamento na formação e que se manifestam ao nível da planificação e da formação:

- 1 - a ligação entre a formação e a progressão na carreira*
- 2 - o sistema de financiamento da formação*

- É no campo das intenções que se fazem sentir os jogos de poder e as relações de poder: Quem é que pode determinar o sistema de avaliação e as formas de avaliação? É a entidade financiadora? É a entidade promotora da formação? São os formadores? Existe uma grande partilha de poderes.

- Em relação à participação dos formandos o que é que se verifica? A avaliação não é muito negociada com os formandos ou quando é negociada essa negociação diz apenas respeito à avaliação dos próprios formandos.

- Como é que se definem os referenciais? Que preocupações é que as pessoas têm quando os definem? Uma certa teoria da formação? Uma certa teoria do desenvolvimento curricular? Quando analisamos as chamadas fichas de avaliação, o que vemos é principalmente a preocupação em obedecer a um certo número de princípios do desenvolvimento curricular. Por outro lado, se analisarmos a utilização dos instrumentos vemos que predomina a utilização do questionário de avaliação ou da escala de avaliação que muitas vezes não foram previamente testados e que vão originar uma fonte de equívocos e de confusões.

- A referir também a falta de inserção da avaliação dos formandos na avaliação global da formação. Quando se faz a avaliação final da formação não se tem em conta realmente aquilo que os formandos avaliaram, quer no sentido da auto avaliação quer no sentido da hetero avaliação das suas aquisições durante a formação. E muitas vezes a avaliação global é uma avaliação da satisfação da formação.

- Um outro ponto extremamente crítico, o momento da avaliação. Normalmente, reduz-se a avaliação da formação ao último momento do curso.

- Tendemos a enfatizar o papel regulador da avaliação, o papel de racionalização da avaliação, mas é preciso que tenhamos consciência que a avaliação não produz só efeitos positivos, pode também ter efeitos perversos.

Que alternativas? O que é que é preciso fazer?

- Trabalhar muito sobre as atitudes, é preciso trabalhar no sentido de sensibilizar formadores e formandos para a ideia de que a avaliação é uma parte integrante do programa de formação

- Planificar contemplando espaço para a avaliação

- Realizar avaliações intercalares

- Tentar que as formas de avaliação dos formandos tenham a ver com aspectos da realidade da sala de aula, ou da escola, ou das relações com o meio...

- Montar dispositivos que permitam que a "avaliação a quente", feita no momento da formação, seja completada mais tarde por uma "avaliação a frio"

- Ter muito cuidado na elaboração dos instrumentos, testá-los previamente, aferi-los depois de aplicados, e ter sempre a preocupação de analisar e corrigir constantemente

- Criar, no início, alguns instrumentos de carácter geral adaptados à especificidade de cada acção em concreto

- Procurar um certo equilíbrio entre indicadores quantitativos e indicadores qualitativos.